

Fazer parte do GEARTE e ser-estar no GEARTE

Umbelina Maria Duarte Barreto 

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)

RESUMO — Fazer parte do GEARTE e ser-estar no GEARTE — O texto celebra os 25 anos do GEARTE, Grupo de Pesquisa em Educação e Arte coordenado por Analice Dutra Pillar, enfocando uma forma significativa de fazer parte do Grupo, que, em partilha, mostra que é possível também ser-estar no GEARTE. Desenvolve-se no formato de narrativa, resgatando diversos fazeres em torno de um *locus* comum, a UFRGS, que abriga o Grupo de Pesquisa em seu Programa de Pós-graduação em Educação junto à Faculdade de Educação. Parte da experiência acadêmica de sua autora, Umbelina Barreto, para ir se aproximando da profundidade do universo da pesquisa em sua complexa diversidade, sem esquecer o papel social da universidade e de sua atividade fim, que é o ensino.

PALAVRAS-CHAVE

GEARTE. Experiência acadêmica. Pesquisa. Ensino. Educação e Arte.

ABSTRACT — Being part of GEARTE and being at GEARTE — This text celebrates 25 years of GEARTE, an Education and Art Research Group coordinated by Analice Dutra Pillar, by focusing on a significant way of being part of the Group, which, by sharing, shows that it is also possible to be at GEARTE. It has been developed in a narrative format, rescuing various activities around a common locus, UFRGS, which houses the Research Group in its Graduate Program in Education at the Faculty of Education. It is based on the academic experience of its author, Umbelina Barreto, in order to approach the depth of the research universe in its complex diversity, without disregarding the social role of the university and its core activity, which is teaching.

KEYWORDS

GEARTE. Academic experience. Research. Teaching. Education and Art.

RESUMEN — Formar parte del GEARTE y ser-estar en el GEARTE — El texto celebra los 25 años del GEARTE, Grupo de Investigación en Educación y Arte, coordinado por Analice Dutra Pillar, enfocando una forma significativa de formar parte del Grupo, que, al compartir, también demuestra que es posible ser-estar en el GEARTE. Se desarrolla en formato narrativo, rescatando diversas actividades en torno a un locus común, la UFRGS, que alberga al Grupo de Investigación en su Programa de Posgrado en Educación junto a la Facultad de Educación. Parte de la experiencia académica de su autora, Umbelina Barreto, para aproximarse a la profundidad del universo de la investigación en su compleja diversidad, sin olvidar la función social de la universidad y su actividad principal, que es la docencia.

PALABRAS-CLAVE

GEARTE. Experiencia académica. Investigación. Enseñanza. Educación y Arte.

Uma história, muitas histórias

Em 25 anos do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE), inúmeras são as histórias que se cruzam, percursos que se aproximam e caminhos que se entrelaçam, principalmente, ao se verificar que o fator de agregação é múltiplo, reiteradamente a se desdobrar entre a pesquisa, a educação e a arte.

Sabe-se que, ao se escolher um caminho para a elaboração de um texto, que se propõe a celebrar um acurado tempo de desenvolvimento através de diversas trocas diferenciadas, muitos serão os percursos. Essa escolha que se pratica para dar conta da presente narrativa faz com que o texto inicie traçando percursos, como se já se estivesse a desenhar, e os sentidos percorridos, ainda sem saber, acabam por levar ao GEARTE. Sem dúvida que também passa por certa imagem de mapa que está sempre a criar um território próprio, ou que vai a elaborar figuras ao longo do caminho ao selecionar as marcas que foram sendo deixadas, mas, considero que isso possa ser, simplesmente, devido ao fato de estar diretamente ligada ao fazer artístico.

Acredito que a criação artística, de certo modo, tem primado por enfatizar a mistura, desde os materiais, até as matérias utilizadas a criar formas, ou a abordar certos temas que, talvez ainda não tenham sido acessados. Nesse sentido, estou a propor neste artigo uma abordagem que, para mim, poderia se aproximar de um *desenho em técnica mista*, mas que também, ao se pensar na tecnologia atual, poderia ser visto como um *hipertexto*, a se remeter a conteúdos que terão de ser acessados em outros textos, e que poderão ser encontrados no caminho dos 25 anos do GEARTE, ou no espaço de um artigo de qualquer um de seus pesquisadores e pesquisadoras que tenham feito também algumas escolhas definidas por cruzamentos, ou talvez, por emaranhados, sendo que nesses, poderiam estar todos e todas a falar das mesmas questões, porém de formas muito diferentes.

Por fim, ao tentar encontrar um percurso de significação dessa partilha com o GEARTE, escolho um caminho que passa por minha formação acadêmica e, por ser artista/professora/pesquisadora, passa também pelo exercício da docência superior, e de certa experiência na Instituição Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que nos acolhe a todos e a todas, para, dentre estes referenciais encontrar o *Fazer Parte do GEARTE* e perceber que, ao fim de um ciclo, ainda persiste a partilha, agora em uma forma de *Ser-Estar no GEARTE*.

A respeito da formação

Em 2004, ao ingressar no Programa de Doutorado em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS (PPGEDU/UFRGS), tendo como orientadora a Professora Doutora Analice Dutra Pillar, não imaginei o quanto a minha visão de mundo se transformaria, e como a forma de dispor as ideias se entrelaçaria a tantas outras ideias e formas de ver o mundo, que, por acaso, poderiam até potencializar a mudança do próprio universo através de certa partilha significativa.

Desde 1985, faço parte do quadro docente do Instituto de Artes da UFRGS (IA/UFRGS), tendo ingressado através do primeiro concurso público realizado neste Instituto, para a área de Desenho. Gosto de pensar que, talvez, a realização de concursos públicos em Universidades Federais, tenha sido uma forma inaugural de resgatar a democracia no país, a marcar a passagem para um Estado Democrático de Direito, depois de vinte anos de ditadura.

Nesse período, o quadro docente do Instituto de Artes se caracterizava por ter somente a formação em Artes Plásticas, ou Belas Artes, como se denominava anteriormente. E, por sua vez, o curso de Artes Plásticas do IA/UFRGS apresentava uma estrutura curricular desdobrada entre a técnica, com um percurso que se aproximava do Design (área de conhecimento que ainda não existia no ensino superior no Brasil), e, por outro lado, por diversos percursos se estendia em processos de criação nas diferentes habilitações da formação: Desenho, Pintura, Escultura e Cerâmica; as quais correspondiam às áreas artísticas tradicionais,

sendo a primeira o eixo estrutural do curso e das demais áreas; as duas seguintes consideradas como Belas Artes e, dentre todas, a Cerâmica já era vista em certa proximidade ao Design. Por outro caminho curricular *corria* a habilitação em licenciatura em Desenho e Plástica, em uma formação compartilhada com a Faculdade de Educação da UFRGS (FACED/UFRGS) desde a década de 1970-80.

Importa trazer à memória que, para a docência no ensino superior era imprescindível a graduação, correspondente ao atual bacharelado, muito embora, da mesma forma, paralelamente, para ser professor de ensino superior, se prescindia da licenciatura, a meu ver contraditoriamente, sendo que a área era vista como dispensável a este nível de ensino. A licenciatura, prioritariamente, se desdobrava em uma formação voltada para a Escola Básica, definida no curso de Pedagogia. A FACED/UFRGS foi instituída em 1970, a partir da reforma universitária de 1968 e no mesmo ano já foram iniciadas as atividades para a implementação do programa de pós-graduação, inicialmente com o mestrado em 1974 e o doutorado em 1982.

Na metade da década de 1980-90, no Brasil, já a findar o período de exceção, estavam a ser implementados os programas de pós-graduação nas diversas áreas de conhecimento, inclusive nas Artes, cujo mestrado em Artes Visuais da UFRGS foi criado em 1991, seguindo o da Universidade de São Paulo (USP) em 1972 e o da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1985. Esse desenvolvimento da pós-graduação no Brasil define, na atualidade, a necessidade de obtenção do título de doutor para pleitear vaga na docência superior em todas as universidades públicas brasileiras, talvez também a suprir algumas faltas, anteriormente aceitas e acordadas. A meta definida pelo Plano Nacional de Educação para as universidades públicas brasileiras seria chegar a 100% de professores doutores em seu quadro docente, a contemplar a indissociabilidade da pesquisa e do ensino.

O universo da pesquisa, da articulação entre a teoria e a prática, sempre esteve presente em meu horizonte, mesmo antes de entrar para a academia.

Desse modo, em 1995, obtive o grau de mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Acredito que todo o desenvolvimento do pensamento abstrato, que tenho realizado em pesquisa, guarda certa espécie de deslocamento abarcando o concreto com forte presença do mundo da cultura, advindo de minha primeira formação com ênfase na prática, envolvendo os processos de criação artística, na graduação em Artes Plásticas, em que adquiri a habilitação em Desenho e Pintura, em 1978.

Preliminarmente traço esta espécie de mapa geográfico temporal para situar o desenvolvimento de uma formação acadêmica voltada, em princípio, para o fazer artístico, e que, paralelamente, às transformações da arte no Século XX, direcionou-se para a construção do pensamento artístico, na tentativa de encontrar as epistemologias geradoras da área. A partir do final do século XX, os discursos da arte também passaram a se desenvolver ao lado do fazer artístico em uma espécie de remissão, e isso, para mim, fez com que, em dado momento, tomassem o caminho da pesquisa do ensino da arte.

Ao ingressar no doutorado em Educação ingressei também no GEARTE, do PPGEDU da FAGED/UFRGS, coordenado pela Dra. Analice Dutra Pillar. Com o GEARTE foi possível ampliar a pesquisa em Ensino da Arte, a princípio voltada para a formação de professores e artistas, em nível Superior, e, depois com o campo da arte educação, voltado para o exercício do professor de Arte na escola básica. Essa articulação da arte, presente entre os diversos níveis de escolarização, incluindo o nível superior, e a inserção na pesquisa em níveis de mestrado e doutorado, gerou certo afastamento do objeto artístico, que se evidenciou como imprescindível para encontrar os referenciais teóricos próprios aos métodos de abordagem necessários ao ensino da arte.

Desse modo, os caminhos da pesquisa foram se sucedendo: a pesquisa em Arte e suas especificidades; a pesquisa em Avaliação Emancipatória e Autonomia; a pesquisa em Ensino Superior; a pesquisa em Currículos de Cursos Superiores; a pesquisa em Processos de Aprendizagem; a pesquisa em Processos de Ecologia da

Mente envolvendo Arte e Ciência; a pesquisa em Processos de Conhecimento; a pesquisa em Arte e Tecnologias; a pesquisa em Aprendizagem da Arte e seus Objetos; a pesquisa em Arte e Ensino a Distância; a pesquisa em Semiótica e Semiótica Discursiva; a pesquisa em Epistemologia da Arte e Epistemologia do Ensino da Arte em um mundo em transformação, enfim a realização de um extenso percurso na pesquisa, que foi sendo possibilitado em uma convivência ativa entre pesquisadores e pesquisadoras que, pertencendo ao mesmo Grupo, porventura estabeleciam cruzamentos significativos, muito embora seus caminhos fossem outros.

Na Filosofia a pesquisa esteve centrada nos processos de formação da linguagem artística. Na dissertação *Formação de linguagem artístico-expressiva como um conhecimento epistemológico*, busquei a especificidade do pensamento de dois filósofos franceses, Merleau-Ponty (1908-1961), e Gilles Deleuze (1925-1995), para situar o conhecimento epistemológico da arte, destarte como certa atualização, tanto da filosofia da antiguidade grega, centrada no pensamento de Platão (428a.C.-348a.C.) e Aristóteles (384a.C.-322a.C.), bem como da racionalidade moderna, advinda do pensamento cartesiano de René Descartes (1596-1650).

Em um dos caminhos trilhados na pesquisa durante o mestrado, busquei a abordagem da especificidade do objeto investigado através da corporalidade do conhecimento. E foi em Merleau-Ponty e no pensamento fenomenológico em que encontrei essa especificidade, presente em suas obras: *A fenomenologia da percepção*, de 1945, *O olho e o espírito*, de 1961, e *O visível e o invisível*, de 1964, nas quais o autor propõe a reinserção do corpo no ato do pensamento ao realizar um embate com o pensamento cartesiano, contrapondo-o através de uma revisão, que, de certo modo, também atualiza o pensamento de Descartes, filósofo que caracterizou o racionalismo da modernidade, com uma ascendência que se estendeu até o final do século XIX e, talvez, até o início do século XX.

Um outro percurso deu-se com o filósofo Gilles Deleuze, no campo da Filosofia da Linguagem, em uma inserção da arte na linguagem, que, ao propor

uma inversão de Platão, permitiu situar a formação da linguagem artística nos processos do ensino superior de artes plásticas, através de lógicas, ou *paralógicas*, que, de certo modo, desconstroem a lógica tradicional através da inserção do sentido, presente em suas obras *Diferença e repetição*, de 1968 e *A lógica do sentido*, de 1969.

Na área da Educação, voltada sobre a pesquisa, agora em nível de doutorado, estive novamente às voltas com a questão do conhecimento em arte, entretanto, nesta ocasião a pesquisa foi situada em um lugar, por certo *concreto*, ou, pelo menos, assim poderia ser visto: a princípio, por ser uma construção coletiva, que deveria corresponder ao seu próprio tempo, ou seja, o currículo de um curso superior de artes plásticas. Esta primeira definição não foi tão fácil assim, pois sabe-se que o conhecimento de uma área ou um campo educacional *esconde-se* no currículo, talvez, para se *mostrar* na diversidade dos discursos dos diferentes docentes que compõem o curso, em um universo que congrega um conjunto de especificidades, que, por vezes, se mostram coerentes e em outras vezes divergentes.

Frente a todas as dificuldades que foram surgindo na pesquisa, também foi-se encontrando algumas brechas que poderiam ser utilizadas para tentar chegar ao caminho do conhecimento da arte, ou, pelo menos, assim se compreendia. As brechas ou as frestas que, de certo modo, permitiram olhar mais longe ocorreram a partir da simultaneidade de processos de transformação, pelos quais se estava a passar no início do século XXI, século que também configurou o início do terceiro milênio. Primeiro, no plano internacional, a queda ou declínio do conhecimento científico, do qual emergiu a indecidibilidade do verdadeiro ou falso, a gerar a fresta na passagem para um conhecimento complexo, trazendo à tona a diversidade dos processos de conhecer. Segundo, no plano nacional, a transformação do ensino superior no Brasil, em que se esteve em processo de construção de um Plano Nacional de Educação, com discussão e deliberação de Diretrizes Curriculares Nacionais para as diversas áreas de conhecimento. Terceiro, no plano local, as

transformações curriculares do curso de graduação em Artes Plásticas e suas diversas habilitações, do IA/UFRGS, que passou para curso de Artes Visuais, com licenciatura em Artes Visuais e bacharelado em Artes Visuais. Em quarto lugar, abrangendo todos os planos, as transformações do universo da arte, a qual foi sendo desconstruída ao longo do século XX, até chegar ao seu inverso, em uma espécie de Antiarte. E, finalmente, em quinto lugar, a hibridação da Arte, resultante de um processo de emergência das grandes transformações do século XX, através da substituição da técnica pela tecnologia, o que foi determinante para a passagem de um universo analógico para um universo digital, sendo que, este último, tem perpassado todos os processos artísticos.

Por fim, na pesquisa, foram organizadas em sobreposição todas as transformações elencadas, na tentativa de encontrar uma única fresta, a qual foi denominada de *buraco de fechadura*, pois desta forma, se teria um espaço topológico pelo qual se poderia espiar na tentativa de encontrar o que foi denominado de nova chave – tal como uma nova chave do olhar – que possibilitasse adentrar no conhecimento em artes visuais.

Utilizar a chave do olhar em um espaço topológico, organizado em um eixo de topo, onde, segundo as leis da perspectiva as coisas se escondem, necessitava também de uma nova forma de organização textual que envolvesse a significação, principalmente quanto à construção do sentido nas condições de apreensão do discurso. A semiótica discursiva de Algirdas Julien Greimas (1917-1992), presente em seu último livro *Da imperfeição*, lançado no Brasil em 2002, possibilitou diversos percursos na construção de sentido, principalmente pelo resgate da estesia nos processos. Por certo, esses processos foram caracterizados por uma diversidade assinalada pela busca de percursos gerativos de sentido, presentes em narrações. Dessa forma, para além dos enunciados, substitui-se o sujeito ontológico do discurso por actantes ativos e passivos ao articular o discurso em ato de enunciação, com o desdobramento do sujeito em enunciador e enunciatário, ao agregar figuras de linguagem em narrativas em que se inserem,

simultaneamente, destinador e destinatário, e, narrador e narratário, definindo todos como participantes da ação.

Pesquisar Greimas foi, de certo modo, compartilhar caminhos com os demais pesquisadores do GEARTE. Significou também aproximações com pesquisadores franceses que conviveram com Greimas e continuam seu pensamento, estendendo-o e o tornando significativo na atualidade, tal como o Dr. Eric Landowski (1946), e pesquisadores brasileiros, tal como os pesquisadores do Centro de Pesquisas Sociossemióticas, do qual o Dr. Landowski participa, que congrega a USP e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), através do Dr. José Luiz Fiorin (1942) e da Dra. Ana Claudia de Oliveira.

Encontrar a semiótica greimasiana significou também resgatar o prazer do texto no ato de ler e escrever, em um percurso gerativo de sentido, através da teoria da significação em processos de enunciação, na elaboração de um texto sempre a se construir. Posso dizer que o fato de a Dra. Pillar, de certo modo, ter me apresentado o pensamento de Greimas, foi como um salto qualitativo na estrutura de meu próprio pensamento, em que, a partir de então, pude vislumbrar diferentes percursos no desenvolvimento da pesquisa. Pude enfim resgatar a ética-estética, escondida ou sumida em tempos sombrios e desconstrutivos a perpassar também o universo da arte, através do conceito de *estesia*, significativo ao pensamento do último Greimas, desenvolvido em seu último livro denominado *Da imperfeição*, em que o autor se põe a dialogar diretamente com a arte.

Dos caminhos e descaminhos da docência superior

Ser professor ou professora de ensino superior no Brasil, justamente no período em que se retornou à democracia, com uma Assembleia Constituinte, da qual resultou a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, e, acompanhar as diversas leis de diretrizes e bases do país, nas regulamentações que foram sendo construídas, tal como a Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Brasileira de 1996, é uma vivência exemplar para a formação e para a vida acadêmica.

Participar do processo democrático de reconstrução do país possibilitou pensar em novas formas de docência articuladas a uma visão de mundo também em transformação. As universidades públicas do Brasil, acompanhando os processos democráticos foram se transformando para corresponder às expectativas de construção de um novo futuro para o país. A reformulação das universidades foi abrangente, tendo passado por processos de avaliação interna e externa, e tendo seu corpo docente e discente, compartilhado discussões nacionais que marcaram as revisões e mudanças das diversas áreas do conhecimento.

É certo que esse processo se deu entre acordos, desacordos, consensos e dissensos, nem sempre em situações tranquilas e de fácil convivência, entretanto, todos se arvoravam em certa utopia de futuro como um farol a orientar a caminhada.

A partir dessa reconstrução, a universidade passou a se constituir com a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, embora ainda não se soubesse bem como isso efetivamente se daria. Com o tempo se percebeu que esta seria a garantia de autonomia universitária, em outros tempos perdida, justamente, quando a Instituição ainda engatinhava em seus processos de formação. Associada a essa autonomia articulava-se o exercício administrativo, necessário a todo professor de ensino superior, que, ao conhecer e participar da elaboração dos projetos administrativos e pedagógicos da instituição, passava a se perceber como corresponsável pelos caminhos institucionais, envolvendo resultados diretamente ligados à comunidade local e nacional.

A inserção da extensão em indissociabilidade à pesquisa e ao ensino garantiu uma universidade, de certa forma, aberta a sua comunidade, o que também assegurava a construção de novas relações significativas entre o mundo acadêmico e o mundo da vida, ou mundo da cultura. Na história dessa relação encontra-se o primeiro projeto social da UFRGS: Programa União – Projeto

Social Extramuros, o qual se desenvolveu em 1995, através de diversos projetos articulados ao recém-instalado assentamento de Charqueadas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Tive o privilégio de desenvolver um projeto de arte dentro deste projeto de extensão, denominado *Na terra com diferenças acordadas*. Foi desenvolvido durante um ano no Assentamento 30 de maio, com três acadêmicas, extensionistas que atuaram junto às crianças das famílias assentadas. A riqueza desse projeto é que ocorreu uma partilha significativa justamente quando tudo estava a se fazer, a se tentar construir, tanto na extensão universitária como no campo social ou cultural.

A experiência administrativa e a pesquisa

Para além do doutorado, na continuidade da pesquisa e do envolvimento no GEARTE, uma experiência interinstitucional de construção conjunta de um novo conhecimento é importante de ser mencionada e resgatada como significativa e inovadora em relação às mudanças na educação. Trata-se do ensino à distância no Brasil, considerando que a implementação dessa modalidade de ensino foi sendo aos poucos experienciada e regulamentada, comportando certa diversidade de experiências diretamente no ensino de graduação, além de experiências no ensino de extensão. Dentre esse processo, está a formação de professores leigos que se encontravam em exercício nas escolas de educação básica, principalmente, professores de ensino fundamental.

Através do Programa Nacional denominado Pró-Licenciatura do Ministério da Educação (Pró-Lic/MEC), para atender questões preconizadas pelo Plano Nacional de Educação, foi organizada na UFRGS uma rede congregando oito universidades gaúchas, em prol do oferecimento de seis cursos de graduação em licenciatura, com a finalidade de capacitação dos professores leigos em exercício na escola básica.

O curso de licenciatura em Artes Visuais modalidade à distância foi elaborado e organizado em parceria entre a UFRGS e a Universidade de Caxias

do Sul (UCS), através da pesquisa da Dra. Maria Helena Wagner Rossi, UCS, e da Dra. Umbelina Maria Duarte Barreto, UFRGS, sendo ambas as pesquisadoras membros do GEARTE, sendo esta última, exatamente, a que está a trazer a presente reflexão. A pesquisa realizada envolveu a criação do currículo do curso e a coordenação e vice-coordenação da comissão de graduação do curso, até a sua finalização com a formação dos professores que ingressaram em seu edital único.

Importa ainda mencionar a participação de outros membros do GEARTE como professores pesquisadores e professores formadores na estrutura do curso, em desdobramento de objetos de aprendizagem e de utilização de recursos da internet de forma inusitada e inovadora na formação do professor de Artes Visuais. A Dra. Andrea Hofstaetter e a Dra. Gabriela Bon, ambas componentes do GEARTE, ampliaram a experiência advinda das participações na construção da estrutura do curso à distância, sendo que, a primeira ampliou o universo da pesquisa através do desenvolvimento de objetos de aprendizagem, e, a segunda, estendeu seus conhecimentos à formação de monitores em evento artístico internacional, como a Bienal do Mercosul, inovando, inclusive, o formato do oferecimento da extensão da UFRGS.

Internacionalmente, o GEARTE possibilitou diversas articulações e trocas, tal como o compartilhamento das pesquisas com o Dr. Lourenço Eugênio Cossa, de Moçambique. Nacionalmente, não poderia deixar de mencionar a importância da Dra. Ana Mae Barbosa, também reconhecida internacionalmente. Dra. Barbosa é a primeira e incomparável arte educadora brasileira, que traz *nas costas*, como *Atlas, o mundo da Arte Educação Brasileiro*, pois, em princípio, foi responsável pela inserção e identificação da arte educação em área de conhecimento específica, com reconhecimento nacional. Cumpre ainda mencionar que hoje, os gearteanos são – estão duplamente contemplados, pois a Dra. Barbosa é componente aclamada do Grupo, além de ter sido orientadora do doutorado da Dra. Analice Dutra Pillar, a qual é coordenadora do GEARTE, desde a sua fundação há 25 anos.

A experiência administrativa faz parte imprescindível da atuação do docente superior, ampliando as articulações entre o ensino, a pesquisa e a extensão, ao possibilitar uma compreensão da diversidade presente nas especificidades das formas de institucionalização do conhecimento nas diversas áreas de conhecimento, incluindo aí as relações internas e externas, locais, nacionais e internacionais, como forma de se situar em sua própria área de conhecimento.

Reiterando o fazer no fazer parte do GEARTE

A partir de 2014 o GEARTE iniciou um de seus projetos em que buscou ampliar o seu escopo ultrapassando os limites físicos de seus componentes, bem como a concretude dos eventos realizados, projetando um periódico a ser publicado on-line, como parte do PPGEDU/UFRGS, de forma a se aproximar do grau de excelência da pesquisa em Educação e Arte, conforme protocolos de avaliação nacionais e internacionais.

Tenho participado da Revista do GEARTE desde então, de diversas formas: a discutir a relevância das temáticas; a compartilhar a organização de dossiês; a participar com artigos ou com ensaios visuais; mas quero aqui, principalmente, falar de um fazer que é muito significativo, que é a elaboração do design da capa da Revista, o qual tenho feito desde o lançamento do primeiro número.

Este fazer no fazer parte do GEARTE é sempre um desafio, reiteradamente, a construir uma nova imagem que corresponda à diversidade que o grupo congrega, mas, também que seja uma imagem atual, e que se atualize em cada conjunto temático de cada número lançado, embora caracterize certa unidade que define uma forma ética e estética de fazer e divulgar a pesquisa em Educação e Arte. É uma contenda em que me sinto instigada a sempre ir mais longe, pois sei que são muitos os olhos a tentar encontrar uma espécie de *caminho do meio*, duplamente necessário a especificidade do número, considerado desde o seu interior, e, por outro lado, a se mostrar externamente, como um invólucro que,

também dispõe o GEARTE no universo do qual faz parte, e, ainda no universo mais amplo que congrega as demais áreas da Educação e Conhecimento.

Por fim a aposentadoria e o Ser-Estar no GEARTE

Com 33 anos de docência e já com 63 anos resolvi que a aposentadoria do ensino superior poderia ser o vislumbre de certa estrada que ainda precisaria ser trilhada. É certo que eu teria ainda uma longa peregrinação pelos caminhos da criação artística, embora os processos de criação artística tenham sido continuados ao longo de todo este período, o que, por um lado, reiteradamente, alimentava o exercício da docência.

Percebi que a escolha de ser artista-professora-pesquisadora foi uma forma de a docência não cair na aridez da reiterada repetição esvaziada de qualquer conteúdo e significado. Com a base de meu próprio processo criativo, era, relativamente tranquilo dialogar com as diferentes formas de compreender a arte, potenciada em cada aluno que ingressava no curso em busca de um desenvolvimento real, ou, simplesmente, de um sonho, e a partir dessa compreensão ser possível desenvolver diferentes meios para contemplar a diversidade que se apresentava.

Foi com a aposentadoria que verifiquei que, além de fazer parte do GEARTE, eu também sou e estou GEARTE, e Ser-Estar GEARTE, para mim, significa ter sempre presente a ética estética que constitui a arte. É perceber que a educação sem a arte e a arte sem a educação são falhas, que, ambas apresentam faltas que são intransponíveis.

Ser-Estar GEARTE, que, em 2022, completa 25 anos de efetivo exercício ético-estético educativo, a partir de suas coordenadoras, Dra. Analice Dutra Pillar, coordenadora do grupo desde a sua fundação, e Dra. Maria Helena Wagner Rossi, vice-coordenadora do grupo desde a sua fundação, é comemorar o realizado e o que ainda está por vir em uma atitude que celebra a vida em compartilhamento de significados que contribuem para o desenvolvimento de todos.

Ao pleitear uma vaga para a realização do doutorado, tendo como orientadora a Dra. Analice Dutra Pillar, eu tive como farol alguns de seus livros publicados. De certa forma, dois livros sempre fizeram parte de uma bibliografia que considero especial e de extrema importância para todo o professor: *Desenho e construção do conhecimento na Criança*, de 1996, publicação que é fruto de seu doutorado, realizado na USP e orientado pela Dra. Ana Mae Barbosa; *Desenho e escrita como sistemas de representação*, de 1996, publicação que é fruto de seu mestrado, realizado na USP e orientado pela Dra. Ana Mae Barbosa.

Em 1999, o livro da Dra. Pillar, *A educação do olhar no ensino das artes*, me fez também buscar os livros da Dra. Ana Mae Barbosa, pois considero que é uma bibliografia que faz parte da mudança que vinha se fazendo na formação do arte educador. A formação em licenciatura em Artes Visuais passou a ter entre seus referenciais as abordagens históricas e políticas da Dra. Barbosa, articuladas ao pensamento do educador Paulo Freire (1921-1997). Através de seu livro *O ensino da arte: memória e história* e os clássicos indispensáveis – *A imagem no ensino da arte*, de 2014 e *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*, de 2004 – além de outros tão significativos, a Abordagem Triangular da Dra. Ana Mae Barbosa para o ensino da arte foi apresentada aos docentes e discentes. É, por certo, a tecnologia educacional que mais tem contribuído para a valoração da área de conhecimento e do resgate da licenciatura em Artes Visuais, que pode, por fim, ser colocada ao lado das demais licenciaturas na formação superior.

A Dra. Barbosa é responsável pela aproximação da arte ao ensino de arte na escola básica, contrariando o que muitos pesquisadores brasileiros defendiam quando levantavam a bandeira da pureza do olhar da criança, que não poderia ser contaminado com a imagem artística. A Abordagem Triangular deu um rumo ao ensino da arte no Brasil e no mundo, e, verificou-se que a imagem da arte é um padrão necessário a todo o desenvolvimento humano, e que o ser humano, por sua vez se descobre criador através da criatividade advinda tanto da leitura da

imagem artística como do exercício construtivo da forma através do cultivo da forma artística, bem como da leitura do mundo e da compreensão da forma natural.

A Revista do GEARTE, iniciada em 2014, agora já completando oito anos de existência, em 2021, com 24 números publicados, mais o número de celebração dos 21 anos de existência do GEARTE, por certo em 2022 estará a dar mais um salto qualitativo, a contemplar os 25 anos de existência do Grupo. É importante mencionar sobre a seriedade com que a Dra. Pillar rege a sua atuação nas orientações no PPGEDU/UFRGS, e a coerência com que coordena a produção da Revista GEARTE, articulada à atuação do Grupo de Pesquisa.

Finalmente, é importante ressaltar que o texto deste artigo a dispor algumas andanças acadêmicas não pretende ser um ortodoxo texto acadêmico, mas, somente, uma forma de dizer do tempo e de sua partilha, em certo fazer e ser-estar parte de um universo diverso a construir significados com pessoas que, ao longo do tempo, estiveram a fazer o mesmo, embora cada um tenha estado a seguir o seu próprio caminho e, com isso, simultaneamente, a ampliar o escopo partilhado.

E é com Arte como celebração e festa que finalizo este artigo, convidando a todos e a todas a partilhar desse momento, pois estas são também formas de arte que congregam diferenças e que podem, desse modo, ser conhecidas e apreciadas.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *O Ensino da Arte: Memória e História*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- BARRETO, Umbelina Maria Duarte. *Formação de linguagem artístico-expressiva como um conhecimento epistemológico*. Orientador Jayme Paviane. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1995.
- BARRETO, Umbelina Maria Duarte. *Espiando pelo buraco da fechadura*. O conhecimento de Artes Visuais em nova chave. Orientadora: Analice Dutra Pillar. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2008.

- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Editora Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *A lógica do sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 5ª ed., 2009.
- GREIMAS, *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A fenomenologia da percepção*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Editora Cosak & Naify, 2004.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.
- PILLAR, Analice Dutra. *Desenho e construção do conhecimento na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 1996.
- PILLAR, Analice Dutra. *Desenho e escrita como sistemas de representação*. Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 1996.
- PILLAR, Analice Dutra. (org.) *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

Umbelina Barreto

Possui graduação em Artes Plásticas: habilitação Desenho e Pintura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1994) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). Atualmente é professora aposentada: associada, nível II, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE) ligado ao PPGEDU da Faculdade de Educação da UFRGS. Possui experiência na área de Artes Visuais, com ênfase em Desenho e Pintura, e tem realizado produção regular em poéticas visuais, além de exposições no Brasil e no Exterior. Em suas pesquisas tem-se voltado, atualmente, sobre a Linguagem do Desenho e sobre a Epistemologia do Desenho.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4865-4121>

E-mail: umbelinabarreto@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5596431631660931>

*Recebido em 17 de agosto de 2022
Aceito em 21 de setembro de 2022*

